

AUGUSTO BOAL

*A Estética
do Oprimido*



*Reflexões errantes sobre o pensamento do
ponto de vista estético e não científico*

O Centro de Teatro do Oprimido de Augusto Boal

Augusto Boal foi um homem de coletivos, um semeador de multiplicadores. Ensinava aprendendo e aprendia ensinando, num constante processo de criação. Além de sua fundamental contribuição para a criação de uma dramaturgia genuinamente brasileira no Teatro de Arena de São Paulo, criou o Teatro do Oprimido que é um dos métodos teatrais mais praticados no mundo, presente em todos os continentes, através do trabalho de milhares de praticantes.

Em seu regresso ao Brasil, em 1986, Boal funda o Centro de Teatro do Oprimido com a missão de difundir o seu trabalho no Brasil, estimulando e supervisionando a atuação de praticantes e grupos. O CTO torna-se um espaço de pesquisa e aprofundamento prático e teórico do Teatro do Oprimido, onde nasceu o Teatro Legislativo e se edificou a Estética do Oprimido.

Boal considerava essencial o trabalho de pesquisa, por isso o realizava de forma intensa, sistemática e dialogal. O processo que gerou a Estética do Oprimido surgiu da análise crítica dos projetos do Centro de Teatro do Oprimido, onde se identificava a necessidade concreta de desenvolver um senso estético próprio nos integrantes dos grupos comunitários. Seguindo a orientação de Boal, buscamos encontrar os meios para auxiliar os integrantes desses grupos a se libertarem das amarras estéticas a que estavam submetidos e a criarem a sua própria estética, na qual pudessem se reconhecer e com a qual pudessem se expressar.

A pesquisa da Estética do Oprimido foi constituída por meio da experimentação prática em laboratórios teatrais e da sistematização teórica em seminários. Encontros quinzenais com a equipe do CTO, semestrais com multiplicadores de diversas regiões do Brasil, e laboratórios ampliados com participação internacional.

Nos laboratórios, experimentávamos entre nós para depois repassarmos aos multiplicadores em formação, que assumiam a tarefa de praticar junto a grupos comunitários no Brasil, Guiné-Bissau, Moçambique e Angola. Essas práticas retornavam para a análise coletiva por meio de relatórios de atividades, alimentando um diálogo permanente entre Boal, Curingas e Multiplicadores.

Surgiram exercícios, jogos e técnicas para potencializar o uso da imagem, do som e da palavra. A criação – de poesias, músicas, desenhos, pinturas, danças, esculturas e espetáculos – ratificava o novo conceito e impulsionava radicalmente a habilidade dos integrantes dos grupos em criar metáforas, em representar a realidade a partir de suas próprias perspectivas.

Descobertas práticas dialogavam com o texto em construção. Depois de sistematizadas, as atividades da Estética do Oprimido passavam a ser incluídas nos programas de capacitação dos projetos nas áreas de educação, saúde mental, sistema prisional e pontos de cultura. Os resultados, comparados; as dúvidas, discutidas e os desafios, analisados teatralmente.

Ao longo de quase oito anos de trabalho, este livro ganhou forma prática e teórica. Boal escrevia com habilidade e prazer; amava o processo de construção do texto, o lapidar de cada parágrafo, a escolha de cada palavra. Mesmo sendo o último, um livro não é a obra toda de uma pessoa. Entretanto, para Boal este livro tinha um caráter de sistematização: de alguma forma, representava o conjunto do que já havia escrito sobre o Teatro do Oprimido. Uma produção que contém as reflexões de uma caminhada de mais de 50 anos de militância artística, marcada essencialmente por sua coerência política.

Desde sua fundação, o Centro de Teatro do Oprimido teve direção artística de Augusto Boal, numa trajetória de 23 anos de desafios e descobertas. Uma história que nos enche de orgulho e renova o compromisso de continuidade, seguindo os caminhos que traçamos com nosso mestre, amigo e companheiro de trabalho. Além dos parceiros de luta, contaremos com este livro que consideramos ferramenta fundamental para o desenvolvimento do Teatro do Oprimido: Brasil adentro e mundo afora.

Viva Boal!

Equipe do Centro de Teatro do Oprimido
www.ctorio.org.br

Como é possível defender a multiplicidade cultural e, ao mesmo tempo, a ideia de que existe apenas uma estética, válida para todos? Seria o mesmo que defender a democracia e, ao mesmo tempo, a ditadura.

Sempre lamentamos que nos países pobres, e entre os pobres dos países ricos, seja tão elevado o número de pré-cidadãos fragilizados por não saberem ler nem escrever; o analfabetismo é usado pelas classes, clãs e castas dominantes como severa arma de isolamento, repressão, opressão e exploração.

Mais lamentável é o fato de que também não saibam falar, ver, nem ouvir. Esta é igual, ou pior, forma de analfabetismo: a cega e muda surdez estética. Se aquela proíbe a leitura e a escritura, esta aliena o indivíduo da produção da sua arte e da sua cultura, e do exercício criativo de todas as formas de Pensamento Sensível. Reduz indivíduos, potencialmente criadores, à condição de espectadores.

A castração estética vulnerabiliza a cidadania obrigando-a a obedecer mensagens imperativas da mídia, da cátedra e do palanque, do púlpito e de todos os sargentos, sem pensá-las, refutá-las, sequer entendê-las!

O analfabetismo estético, que assola até alfabetizados em leitura e escritura, é perigoso instrumento de dominação que permite aos opressores a subliminal Invasão dos Cérebros!

As ideias dominantes em uma sociedade são as ideias das classes dominantes, certo, mas, por onde penetram essas ideias? Pelos soberanos canais estéticos da Palavra, da Imagem e do Som, latifúndios dos opressores! É também nestes domínios que devemos travar as lutas sociais e políticas em busca de sociedades sem opressores e sem oprimidos. Um novo mundo é possível: há que inventá-lo!



Este livro não é obediente a nenhuma fórmula consagrada de se entender a arte e a estética; não é relato de consabidas teorias; não se inclina,

reverencial, ao que é tido como certo: questiono, e proponho! Não esqueço o passado, mas não ando de costas para o futuro.

Com ele, avanço duas teses principais:

1 — existem duas formas humanas de pensamento – Sensível e Simbólico –, e não apenas esta que se traduz em discurso verbal. São formas complementares, poderosas, e são, ambas, manipuladas e aviltadas por aqueles que impõem suas ideologias às sociedades que dominam;

2 — como todas as sociedades estão divididas em classes, castas, etnias, nações, religiões e outras confrontações, é absurdo afirmar a existência de uma só estética que a todos contemple com suas regras, leis e paradigmas: existem muitas estéticas, todas de igual valor, quando têm valor.

Paralelamente, temos que repudiar a ideia de que só com palavras se pensa, pois que pensamos também com sons e imagens, ainda que de forma subliminal, inconsciente, profunda! Temos que repudiar a ideia de que existe uma só estética, soberana, à qual estamos submetidos – tal atitude seria nossa rendição ao Pensamento Único, à ditadura da palavra – que, como sabemos, é ambígua.

O pensamento sensível, que produz arte e cultura, é essencial para a libertação dos oprimidos, amplia e aprofunda sua capacidade de conhecer. Só com cidadãos que, por todos os meios simbólicos (palavras) e sensíveis (som e imagem), se tornam conscientes da realidade em que vivem e das formas possíveis de transformá-la, só assim surgirá, um dia, uma real democracia.¹

Os humanos, como quaisquer animais, estruturam suas inter-relações

1. Para que se compreenda com clareza que existem tantas estéticas quantos grupos sociais organizados, comparem estas duas imagens: Jesus, com seus apóstolos vestidos com andrajos e com a alegria passional daqueles que sentem que dizem verdades; do outro lado, o Papa, envolto em ouro e ouropéis, no seu papamóvel blindado, cercado de guardas suíços, vestidos pela *griffe* Michelangelo, cercado pelos seus *príncipes*, ornados como ele.

Jesus e o atual cristianismo têm pouca coisa em comum... Ou vocês acham que esses dois grupos estariam usando a mesma e única estética universal? Ou seriam seus caminhos tão exclusivos dos interesses e propósitos de cada grupo? Para que eu possa começar a acreditar em alguma coisa que ele diga, quero ver o papa quase nu, despo-

segundo o poder que têm, dispõem ou conquistam. Não podemos continuar nutrindo ilusões de que todas criancinhas são anjinhos e todos os humanos, gente boa. Conhecer a verdade é necessário para transformá-la.

Ser vivo é ser expansivo. Não só entre animais silvestres e selvagens a necessidade de existir se transforma em luta; no reino vegetal existem plantas assassinas, que matam tendo como armas suas folhas e raízes; trepadeiras parasitas levam à agonia suas hospedeiras, como as palmeiras; carnívoras, comem caça. É fácil acreditar que nas águas do oceano misterioso o peixe gordo come o magro; difícil é pensar que, embaixo da terra firme, fortes raízes buscam nutrientes, esfomeando as fracas. A vida come a vida.

A natureza permite a vida, mas exige a morte: oferece o prazer – seu preço é a dor. Biologia não tem ética. Viver é luta de morte. Melhor sabê-lo, para mudar.

Entre os humanos, a luta pelo espaço é luta por todos os espaços: físico, intelectual, amoroso, histórico, geográfico, social, esportivo, político... Há que se inventar seu antídoto: a Ética da Solidariedade, cuja construção terá que ser obra da incessante luta dos próprios oprimidos, e não dádiva celeste: do céu, cai chuva, neve e gelo, eventualmente, bombas e foguetes, mas não mágicas soluções. Estamos entregues a nós mesmos e temos que aceitar a nossa condição com a cabeça nas alturas, os pés no chão e mãos à obra.

A Ética é uma invenção humana, não fruto maduro da árvore do bem e do mal.

A maioria dos sistemas políticos, como o neoliberalismo – predatório em todas as suas modalidades e não apenas nos seus excessos –, busca sempre mais poder e riqueza sem limites: esta é sua essência e razão! Para tanto, ocupam espaço e oprimem – faz parte da sua natureza.

No mundo real em que vivemos, através da arte, da cultura e de todos os meios de comunicação que as classes dominantes, com o claro objetivo de alfabetizarem o conjunto das populações, os opressores controlam

jado de artifícios, pregando nas ruas e nos campos. Isso, sua estética não permite; a minha, exige!

e usam a palavra (jornais, tribunas, escolas...), a imagem (fotos, cinema, televisão...), o som (rádios, CDs, shows musicais...), monopolizando esses canais, produzindo uma *estética anestésica* – contradição em termos! –, conquistam o cérebro dos cidadãos para esterilizá-lo e programá-lo na obediência, no mimetismo e na falta de criatividade. Mente erma, árida, incapaz de inventar – terra adubada com sal!

Esta comunicação unívoca introduz simbólicas cercas de arame farpado nas cabeças oprimidas, embalsamando o pensamento e criando zonas proibidas à inteligência. Abre canais sensíveis por onde se inocula a obediência não contestatória, impõe códigos, rituais, modas, comportamentos e fundamentalismos religiosos, esportivos, políticos e sociais que perpetuam a vassalagem.

O Pensamento Sensível é arma de poder – quem o tem em suas mãos, domina. Por isso, os opressores lutam pela posse do espetáculo e dos meios de comunicação de massas, que é por onde circula e se impõe o pensamento único autoritário.

Quando exercido pelos oprimidos, o Pensamento Sensível é censurado e proibido – eles não têm direito à sua própria criatividade: máquina não cria. Aperta-se um botão... e produz. Podem também ser usados como macaquinhos de realejo em programas de auditório...



A Invasão dos Cérebros explica a formação dos submissos rebanhos de passivos fiéis das igrejas eletrônicas dos milagres a granel, com dia e hora marcados pela TV; das enfurecidas multidões de torcedores dos esportes de massa, unanimificados pelo estéril fanatismo; da irritante e venenosa vacuidade intelectual dos programas de auditório; das tristes decisões eleitorais das massas corrompidas pelo próprio sistema ao qual estão integradas, que os explora, reprime e deprime, e atraí...

Como cidadãos, antes de tudo, como artistas por vocação ou profissão, temos que entender que só através da contracomunicação, da contracultura-de-massas, do contradogmatismo; só a favor do diálogo, da criatividade e da liberdade de produção e transmissão da arte, do pleno e livre exercício das duas formas humanas de pensar, só assim será

possível a liberação consciente e solidária dos oprimidos e a criação de uma sociedade democrática – no seu sentido etimológico, pois, historicamente, a democracia jamais existiu. Dela, pedaços sim.

Palavra, imagem e som, que hoje são canais de opressão, devem ser usados pelos oprimidos como formas de rebeldia e ação, não passiva contemplação absorta. Não basta consumir cultura: é necessário produzi-la. Não basta gozar arte: necessário é ser artista! Não basta produzir ideias: necessário é transformá-las em atos sociais, concretos e continuados.

Em algum momento escrevi que *ser humano é ser teatro*. Devo ampliar o conceito: *ser humano é ser artista!*

Arte e Estética são instrumentos de libertação.



O caos é parte do nosso mundo. É uma forma de organização do universo, da natureza, da sociedade, da família, da política, de tudo que existe. O caos governa-se por leis que ainda não conhecemos e provavelmente não conheceremos jamais.

Até mesmo no chamado movimento browniano, em Física, quando certas partículas macroscópicas se movem em um determinado fluido de maneira aparentemente aleatória, até mesmo esse movimento deve ter suas leis, que desconhecemos. A princípio, pensou-se que se tratava de uma nova forma de vida; hoje, sabe-se que não, mas ainda não se sabem as causas das direções imprevisíveis que tomam, em todos os sentidos.

O caos é ininteligível *para nós* se não o analisarmos de todos os meios de que dispomos, não apenas com teorias e palavras. O Pensamento Sensível é necessário e insubstituível tanto para entendermos as guerras mundiais como o sorriso de uma criança.



Este texto deve ser lido no contexto da minha obra de meio século. Quando escrevo *cérebro* estou escrevendo sobre salário mínimo e greves; quando digo *neurônios*, digo sectarismos e guerras coloniais, aids e fome; se penso *sinapses*, penso política e diálogo; de falo teatro, penso estruturas sociais e falo vida consciente.

Não renuncio a nenhuma das minhas convicções anti-imperialistas, anticolonialistas, antirracistas, antissexistas, antienvilecimento do ser humano. Sou, cada vez mais, inimigo irreconciliável de todas as formas políticas, morais, econômicas e sociais que hoje escravizam a maior parte da humanidade.

Não sou nenhum Nostradamus, privilegiado com o dom de ver o futuro, mas posso garantir, com toda certeza, que se alguém se atirar no vazio pela janela do 30º andar de um edifício são enormes as possibilidades de que se esborrache no chão ou na cabeça de alguém. O sangue explodirá por toda parte, salpicando coisas e pessoas. E não sou vidente, nem leio búzios: apenas penso.

Sem catastrofismos e com a mesma precisão, posso prever que o destino das sociedades em um regime capitalista neoliberal – onde os especuladores andam à solta, o dinheiro prevalece sobre o estômago – é o de criar um precipício cada vez maior entre pobres e ricos, que, inevitavelmente, dentro de alguns anos ou poucas décadas, haverá uma explosão social desenfreada e sem limites que promoverá uma desorganização de tal ordem que só um regime autoritário baseado na força bruta de indivíduos mal pagos, eficientes embora inconscientes, será capaz de criar um arremedo de hordas primitivas que, vagando pelos países devastados, imponham uma estrutura pré-histórica baseada na força bruta. Monarquias da borduna, clava e tacape! Leiam os jornais de hoje, de ontem e de amanhã, e entenderão o que digo.

Einstein escreveu: “Não sei com que armas se vai lutar a Terceira Guerra Mundial; mas sei que a Quarta será com paus e pedras!”

Um regime que se baseia na competição sem limites, sem leis nem regras claras, que são quase livremente interpretadas pela Justiça, aliada do poder econômico e/ou militar, exacerba essa competição e enlouquece. Digo loucura e provo – mato a cobra e mostro o pau: vejam as imagens dos corretores das Bolsas de Valores gritando seus lances e suas ofertas. É nesse hospício antiquado que estamos vivendo, é o que estamos vendo nesta crise econômica mundial iniciada em 2008.

O neoliberalismo é feito sob medida para estimular o instinto predatório animal que subsiste na maioria dos humanos e se propaga ao resto da Humanidade. Há que dizer Não!

Os Senhores de Davos² apresentam como mágicas soluções para a crise que eles mesmos criaram despedir milhões de trabalhadores, economizando seus salários para que esses trabalhadores caiam na pobreza, garantindo assim que sejam mantidos os lucros dos que já haviam lucrado. Propõem socializar os *bancos podres* com o dinheiro do contribuinte e guardar, privados, os rentáveis. Que isso aumente as camadas famintas, pouco lhes importa. Davos preocupa-se com a crise econômica dos bancos, banqueiros, empresas e acionistas – autores da crise –, mas não com a crise humana da aids e da fome na Ásia, África e entre os miseráveis dos seus próprios países. É monstruoso pensar que as atividades humanas obrigatórias, como a educação, a saúde e a previdência social, estejam em mãos privadas que buscam o lucro. Essa insensibilidade é criminoso. A resignação, um crime: há que dizer Não!

Não é porque eu digo estas coisas que elas assim se tornam: assim já eram antes que eu o dissesse.

Platão escreveu que nenhuma cidade (país ou nação) poderá se dizer democrática se não existir um limite para a extrema pobreza e a extrema riqueza. Dizia a verdade, jamais ouvida.

Rosa Luxemburgo escreveu que o primeiro ato revolucionário é chamar as coisas pelos seus verdadeiros nomes. É verdade! Por que não se quer ouvir a verdade? Porque vivemos na caverna desse mesmo Platão, onde nascemos e daí jamais saímos: nossas cabeças, acorrentadas, só nos permitem ver as sombras da realidade, à qual só teríamos acesso pela palavra, pelo som e pela imagem, que ainda não dominamos – têm dono.

Na metafórica caverna do filósofo os humanos estão acorrentados, imóveis, de costas para a abertura por onde entra a luz de uma fogueira e projeta sombras na parede. Tudo que acontece entre a fogueira e as costas dos homens na caverna – pessoas que passam, animais transportando coisas – se transforma em sombras sem vida própria. O que os humanos podem ver são as sombras do real, não o real.³

2. Pequena cidade suíça onde se reúnem os homens mais ricos do planeta, na mesma época em que, no Brasil e em outros países, se reúne o Fórum Social Mundial, de ideias completamente opostas.

3. *A República*, Platão, Livro 7. Sei que estou fazendo uma comparação de ponta cabeça do pensamento de Platão. É consciente. Para ele, o mundo concreto do qual eu

Quem acende e cultiva esse fogo são os donos das imagens, sons e palavras. Para nos libertarmos do imobilismo e da resignação, temos que sair da caverna, olhar o mundo cara a cara, compreender como se move e quem o faz se mover. Não devemos apagar o fogo, devemos usá-lo para assar batatas e fazer belos churrascos na caverna de Platão!

O falso e ideologizado conceito dominante de Estética favorece a ideia competitiva do neoliberalismo, como veremos mais adiante no capítulo *Um novo conceito de aura e arte*.

Arte é o objeto, material ou imaterial. Estética é a forma de produzi-lo e percebê-lo. Arte está na coisa; Estética, no sujeito e em seu olhar.

Existem saberes que só o Pensamento Simbólico pode nos dar; outros, só o Sensível é capaz de iluminar. Não podemos prescindir de nenhum dos dois.

No confronto com o pensamento único, temos que ter claro que a política não é a “arte de fazer o que é possível fazer”, como é costume dizer, mas sim *a arte de tornar possível o que é necessário fazer*.

Cidadão não é aquele que vive em sociedade – é aquele que a transforma!

Arte não é adorno, palavra não é absoluta, som não é ruído, e as imagens falam, convencem e dominam. A estes três Poderes – Palavra, Som e Imagem – não podemos renunciar, sob pena de renunciarmos à nossa condição humana.

— Augusto Boal

falo, e que temos que descobrir e conhecer, era apenas sombras de uma realidade que pertenceria ao platônico mundo das ideias perfeitas. Hoje, as sombras que vemos e nos escondem as verdades são as das TVs, rádios, jornais, e todas as formas de convencimento de massas usadas pelos opressores.